

Ana Cristina de S. Aldrigue*
Maria das Dores O. de Albuquerque*

A METAENUNCIÇÃO: UM PROCESSO PARAFRÁSICO EM ANÚNCIOS PARAIBANOS DOS SÉCULOS XIX E XX (The Metaenunciation: a paraphrasal process in Paraiban advertisings of the nineteenth and twentieth centuries)

ABSTRACT

This work aims at analyzing the language metaenunciation in paraphrasing enunciations of advertisements published in Paraiban newspapers of the nineteenth and twentieth centuries. The theoretical support is based on Bakhtin's postulates mainly on Dialogism, and the studies about the metaenunciation by Authier-Révuz (1982), as well as, there will be used postulates concerning the paraphrasing process according to Fuch's view (1994).

Keywords: Metaenunciation; Heterogeneity; Paraphrase.

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a metaenunciação da linguagem em enunciados parafrásicos de anúncios publicados em jornais paraibanos dos séculos XIX e XX. O aporte teórico ancora-se nos postulados de Bakhtin, principalmente no dialogismo, e nos estudos sobre metaenunciação de Authier-Révuz (1982), assim como também utilizaremos postulados relativos ao processo da paráfrase na visão de Fuchs (1994).

Palavras-chave: Metaenunciação, Heterogeneidade, Paráfrase.

Antes de discutir dialogismo, metaenunciação e paráfrase faz-se necessário definir e caracterizar o enunciado. Concebido por Bakhtin (2003, p.282) como unidade da troca verbal, o enunciado é uma ação que está relacionada a um produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados. E mesmo que não haja um interlocutor real, na interação verbal, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. O enunciado caracteriza-se por permeiar toda e qualquer concepção de interação e possui duas particularidades: primeiro, a alternância dos sujeitos falantes, que transforma alguns enunciados em uma massa compacta rigorosamente circunscrita em relação aos outros enunciados aos quais ele está ligado; segundo, o acabamento do enunciado, que delimita aquilo que o locutor disse em um momento dado e em condições precisas. Depreendemos dessas particularidades, a ocorrência de um acabamento específico, o qual é determinado conforme a possibilidade de condicionar uma atitude responsiva ativa diante do enunciado aos interlocutores. Esta posição é muito importante ao caracterizar a noção de acabamento, porque associa a especificidade do oral à dimensão da interlocução.

* UFPB.

Definido e caracterizado o enunciado, objeto de nossa análise nos anúncios publicitários, discutiremos o processo da metaenunciação da linguagem, buscando ressaltar duas diferentes formas de concepções do princípio dialógico bakhtiniano que interessam a Authier-Révuz (1982, p.140): a do diálogo entre interlocutores e a do diálogo entre discursos, os quais ela menciona como interação e discursividade.

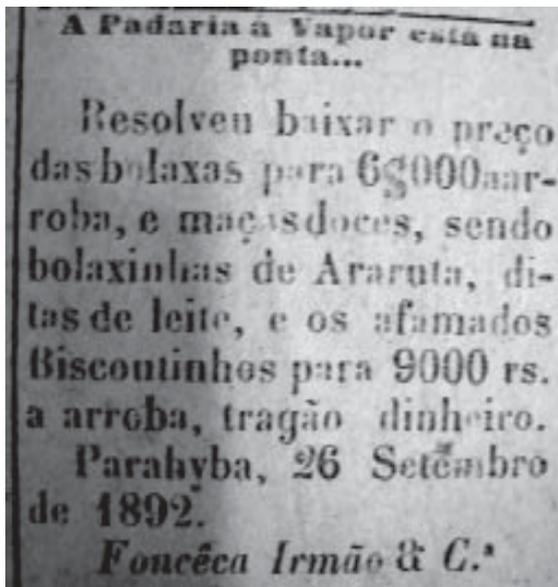
1. DO DIALOGISMO A METAENUNCIÇÃO

O dialogismo reconhecido como interação verbal entre interlocutores não só diz respeito ao diálogo face a face, a forma composicional dos enunciados reconhecidos pela lingüística da comunicação, mas é um princípio constituinte do sujeito e da linguagem. Por esta concepção, o discurso não pode ser individual, pois em cada palavra se intercalam duas vozes: a do eu e a do outro. Neste ponto, é necessário reconhecer o princípio da intersubjetividade como fundador da linguagem. Este princípio, segundo Authier-Révuz (1990b, p.27), problematiza o estatuto do sujeito do discurso reconhecido nas teorias de intenção ou orientação de um discurso a um objeto. Como pode ser demonstrado: “Eu me dou forma verbal a partir do ponto de vista do outro, e em definitivo, a partir do ponto de vista da comunidade a que pertencço (...) As palavras são sempre e inevitavelmente as palavras dos outros” (BAKHTIN, 1993, p.88).

A segunda concepção de dialogismo, pela qual Authier-Révuz se espelha, é a do diálogo entre discursos. Segundo Bakhtin (op.cit., p.88), a construção do discurso está implicada pelo atravessamento de uma variedade de discursos, as palavras sendo já “habitadas” por outras ressonâncias. Nenhuma palavra é neutra, mas inevitavelmente *carregada, ocupada, atravessada* pela alteridade. Entre o discurso e o objeto, entre ele e o falante interpõe-se um meio difícil de ser penetrado, discursos alheios sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo tema. Por esta concepção, qualquer discurso se orienta para o *já-dito*, para o conhecido, para a *opinião pública*. Ancorado por esses princípios, o outro é uma condição constitutiva do discurso de um sujeito falante (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 22).

Mas como se poderá entender a conotação autonímica – campo do marcado e do explícito; aparente simplicidade de seu recorte linear do “um” e do “outro”. Nesta, as formas marcadas da “conotação autonímica”: forma mais complexa da heterogeneidade mostrada; o locutor faz uso, inscritos no fio do discurso, de palavras e, ao mesmo tempo, ele as mostra.

Para demonstrar o uso da palavra e a sua amostragem, conforme o pensamento acima, destacamos o anúncio seguinte:



A Padaria á Vapor esta na |
 ponta... || Resolveu baixar o preço |
 | das *bolaxas* para 6\$000aar- |
 roba, e maçãs doces, sendo |
 | *bolaxinhas de Araruta, di-* |
tas de leite, e os afamados |
 Biscoutinhos para 9000 rs. | a
 arroba, tragão dinheiro. ||
 Parahyba, 26 de Setembro | de
 1892. || Foncêca Irmão e C.ª

Dele, destacamos os seguintes enunciados:

EO – “...resolveu baixar o preço das bolaxas;”

P1 – “sendo bolaxinhas de araruta”;

P2 – “ditas de leite.”

Observando os dois enunciados que se retomam, o EO – “resolveu baixar o preço das bolaxas” e as paráfrases – “sendo bolaxinhas de araruta” e “ditas de leite”, percebemos que as formas: *sendo*, o sufixo *-inha* e *ditas*, se reconstituem a partir do lugar estabelecido pelo histórico social, o de que a venda se realiza pelo evento demarcado pelo contexto comercial em decorrência da interação entre o enunciador e o comércio.

Segundo Authier-Revuz (2004), os termos: *autonímia* e *conotação autonímica* pertencem à configuração teórica de Rey-Debove (1978), no campo da semiótica. A partir desses dois termos, a autora definiu, mais tarde, o objeto de seu estudo e privilegiou: a *modalização autonímica*. As formas marcadas da conotação autonímica, citadas por Authier-Revuz são: *aspas* (de diferenciação, de condescendência, de proteção, de questionamento ofensivo e de ênfase); *itálico*; *entonação*; *fórmulas de comentário* (glosa, retoque, ajustamento).

Se voltarmos ao exemplo exposto anteriormente, veremos que o termo *sendo* pode suscitar uma negociação para o entendimento entre os interlocutores proporcionado pela lei do mercado. Este processo mostra o quando e o como, ou seja, o histórico-social vivido pelos interlocutores é quem vende; o processo social pelo qual quem tem o *melhor* e o *mais barato*. Nos estudos sobre modalização, Authier-Révuz demonstra que a construção do sentido de certas expressões lingüísticas se faz dependendo da posição do enunciador em relação ao mundo.

Em relação à metaenunciação, Authier-Révuz (1995-1998) a considera como um discurso sobre a linguagem e sobre um outro dizer. A metaenunciação

é auto-representação do dizer, e envolve a questão do sujeito e de sua relação com a linguagem. Para ela, a metaenunciação demanda diferentes níveis de reflexão dos sujeitos sobre a linguagem, o que envolve a língua e sua exterioridade. Ela está relacionada à tomada de um discurso, enunciado ou enunciação já construído, em especial, o discurso que pode ser constituído por uma memória cultural e histórica, no caso das paráfrases.

No universo das paráfrases o processo lingüístico é colocado no campo da metalinguagem, especificamente, de âmbito metaenunciativo. Isto porque o uso do termo “meta” está imbricado na capacidade da linguagem de interpretar a si mesma, de saber sobre a e da linguagem, sendo capaz de reconstituir o que foi dito ou pensado. Para a autora, a reflexividade da linguagem é constituída pela configuração ou o desdobramento da modalidade autonímica. Esta reflexividade é representada como um modo de dizer complexo, desdobrado, em que a enunciação de um elemento X qualquer de uma cadeia associada a uma auto-representação da mesma realiza-se como retorno.

Parece-nos perceptível que a questão de retomar viabiliza um modo de dizer, reconstruído por um dos termos da cadeia do enunciado e este termo, retomado, se torna um ícone de representação para que a linguagem seja reflexiva por natureza.

Authier-Révuz (1998, p.184) propõe uma abordagem dos fatos metaenunciativos que consiste em: (1) partir sistematicamente das formas da língua – e não das categorias comunicacionais – ou seja, as ocorrências dos trabalhos sobre o metadiscorso; (2) explicitar os exteriores mobilizados nessa zona fronteira da lingüística que intervém na descrição. Nestes se inscrevem os pontos de incompletude, de falta – sem desembocar no horizonte “do objeto enunciativo global” onde se poderia registrar, interdisciplinarmente, o todo da enunciação. Para justificar a sua posição, ela dá atenção, além dos nomes de outros lingüistas, aos estudos de C. Fuchs sobre paráfrase e ambigüidade.

O foco do trabalho de Authier-Révuz (1998 – 2004) está no fato de que os trabalhos sobre enunciação se justificam pelo objetivo de representar o que se considera irrepresentável, de modo que a sua proposta demonstra a irrepetibilidade do enunciado de acordo com as condições de produção. O seu trabalho sobre paráfrase respalda-se em Fuchs, ao registrar possibilidades de manifestações direcionadas por fatores não-lingüísticos, constituídos por relações bio-sociais.

2. O UNIVERSO DAS PARÁFRASES: CONCEITOS E FUNÇÕES

Segundo Fuchs (1982), a paráfrase se manifesta não apenas pela estrutura lingüística, ela pressupõe também a situação em que os participantes se envolvem: o locutor com sua intenção e o alocutário com sua recepção e interpretação. Ela (1994, p.131) demonstra que os sujeitos se apóiam no parentesco semântico

entre enunciados, para estabelecer uma relação de paráfrase, a partir de construção dinâmica e modulada. Para a autora tratar os enunciados aparentados como paráfrases é efetuar um julgamento de identificação fora de uma atividade discursiva em situação: a paráfrase não é, como tal, uma propriedade de formulações lingüísticas, mas o resultado de uma estratégia cognitiva da linguagem dos sujeitos (FUCHS, 1994, p.131).

Entendemos que para trabalhar a proposta acima, Fuchs (1994, p.132) se afastou da concepção de paráfrase tida como um processo estático e expõe uma concepção dinâmica e aberta da significação. Dá um tom às paráfrases como partilhando um *ar de família*, quer dizer como sendo religadas pelas relações semânticas locais, de tipo associativo, construídas pelo jogo de interpretação. Essa noção de *ar de família* foi retomada por Fuchs (1994) de Wittgenstein, que a aborda em seu célebre exemplo dos jogos, ao trata da interação dos marcadores ou operadores. Ela vê o parentesco semântico suscetível de fundar uma relação de paráfrases parecida com a situação descrita por Wittgenstein. Os parentescos, denominados de similitudes, podem ser mais ou menos locais e são construídos ao final das interpretações dos enunciados.

Nesses casos, Fuchs (op. cit. 135) lembra que a significação global de um enunciado é o resultado da interação de marcadores que o compõem; esses marcadores correspondem a operadores diferentes, a partir dos quais, por encaminhamentos diferentes, podem ser construídos certos valores: “falar de parentesco, é estar em medida de considerar que os valores assim construídos em co-texto se identificam, se sobrepõem”. Por este princípio, a autora nos mostra que: é ao fim da interpretação que um certo parentesco pode ser estabelecido, por outro lado as diferenças de construção de valores resultantes não são sem importância, mas essenciais do ponto de vista do modo de construção de valores instaurados pela língua.

Podemos confirmar que o estabelecimento das paráfrases se realiza pelo diálogo entre os sujeitos, isto é, os sujeitos são imprescindíveis. Elas não se reduzem ao que, costumeiramente, se entende por circunlóquios no âmbito puramente lingüístico. Três possibilidades se esboçam:

- a) relação entre uma identidade de conteúdo, a despeito de alterações de forma, o que corresponde à noção espontânea de paráfrase;
- b) relação de conteúdo que oscila desde o “deslizamento” eventual da reprodução até a deformação semântica, que implica dizer coisa totalmente diversa;
- c) relação de conflito entre os sujeitos, que podem ter opiniões diversas, um acolhendo, outro rejeitando determinada paráfrase.

Conseqüentemente, a paráfrase não poderá, de modo algum, ser encerrada quer no sistema da língua (as relações de paráfrases não constituem uma propriedade intrínseca dos pares de seqüências, inscrita de modo estável na

língua, tornando o objeto homogeneamente consensual entre os sujeitos), quer na variabilidade infinita dos fatos de discurso e das determinações extralingüísticas (cada um cabe sua interpretação e suas relações de paráfrase): a paráfrase é um fenômeno linguajeiro (quer dizer, uma atividade de linguagem empreendida pelos sujeitos nas situações de discurso dadas) que não é senão parcialmente lingüístico (isto é, apoiando-se nas relações complexas da língua, que contribuem para um julgamento de paráfrase, sem, todavia, determiná-lo de modo absoluto)¹ (FUNCHS, 1982, p. 145).

Fuchs (1985) demonstra as características das paráfrases de acordo com uma série de oposições: consciência lingüística dos interlocutores – produzir e identificar frases como tendo o “mesmo sentido” e, também, como produto das construções teóricas dos lingüistas; atividade lingüística dos sujeitos – trabalho de interpretação e reformulação, e, também, como objeto lingüístico resultante da atividade lingüística dos sujeitos; relação entre um enunciado, ou texto-fonte, e suas reformulações numa situação dada, e, também, uma relação entre os enunciados virtualmente equivalente na língua. Conforme as oposições apresentadas, podemos perceber a existência de várias direções para determinar ou identificar os enunciados parafrásicos.

Quando trata da sinonímia, Fuchs (1994, p.131) demonstra que a autorização do núcleo semântico comum está na estabilidade do referente; no entanto, essa identidade referencial é uma condição necessária, mas não suficiente da sinonímia.

A paráfrase é reconhecida por Fuchs (1985) como atividade de reformulação e pode ser analisada no plano do discurso. Por esse viés, o contexto, as circunstâncias e a situação específica do discurso são indispensáveis. Ela adverte para a necessidade de, quando no instante de se articular a língua e o discurso, reconhecer o que da interpretação e da reformulação é previsível para o lingüista. Afirma que a atividade de reformulação que o sujeito realiza está entre a reprodução do conteúdo e sua deformação. Na reformulação, identifica-se a significação do texto-fonte à significação do novo texto; há um alto grau de variabilidade no texto final, mas se estabelecem limites de tolerância variáveis.

Ao tratar da paráfrase como uma problemática enunciativa, devemos

¹ Par voie de conséquence, la paraphrase ne pourra pas non plus étre enfermée sois dans le système de la langue (les relations de paraphrase ne constituent pas une propriété intrinsèque des couples de sequences, inscrite de façon stable em langue, et faisant l'objet d'un total consensus des sujets) soit dans la variabilité infinie des faits de discours et des determinations extralinguistiques (à chacon son interpretations et ses relations de paraphrase): la paraphrase est um phénomène langagier (c'est-à-dire une activité de langue menée par des sujets dans des situations de discours données), qui n'est que partiellement linguistique (c'est-à-dire s'appuyant sur des relations complexes em langue, qui contribuent à l'établissement d'un jugement de paraphrase, sans pour autant le déterminer absolument) (Fuchs, 1982, p. 176).

alertar para a questão do parentesco semântico entre enunciados, pois devemos preocupar também com as diferenças semânticas entre enunciados na produção de paráfrases. Para isto, Funchs (1994, p.130) aponta que a questão da escolha entre enunciados aparentados, concernentes não somente à atividade de reformulação parafrástica, mas, de modo mais amplo, a toda produção de enunciados: “construir um enunciado é sempre selecionar uma configuração particular, única, no interior de uma família potencial de enunciados aparentados”.

Para entender como se realiza essa configuração, a autora (op. cit., p.133) lembra que a significação global de um enunciado resulta da interação de marcadores que o compõem; ora, estes marcadores correspondem a operadores diferentes, a partir dos quais, por encaminhamentos diferentes, podem ser construídos certos valores: “falar de parentesco, é considerar que os valores assim construídos em co-texto se identificam, se sobrepõem”. O corte considerado como co-texto é evidentemente variável: pode ser todo ou parte de marcador próximo ao enunciado ou, mais amplamente, os enunciados vizinhos.

Os co-textos construídos a partir de dois marcadores diferentes, mas com valores que coincidem mais ou menos fortemente, são denominados de *assimiladores* de co-textos; outros, que não coincidem, são chamados *dissimiladores*. Funchs (op. cit., p.134) chama a atenção para uma certa margem de variação correlativa da margem interpretativa. Com base nos dois co-textos, o dos “assimiladores” e o dos “dissimiladores”, veremos o conceito de um enunciado:

Todo enunciado é um entre outros, pinçado pelo enunciador no pacote dos enunciados equivalentes possíveis, enfim todo enunciado faz parte de uma família de transformados parafrásticos; (mas) não existe enunciado que não seja modulado, isto é, que seja um fenômeno único (FUCHS, 1994, p.147).

Ao dar continuidade aos propósitos colocados acima, retomamos os dizeres de Authier-Révuz (1994, p.85): “A reflexão realizada parte do que está lingüísticamente apresentável, quando interage com o interpretativo através do texto, conivente aos fatos apontados pelas não-coincidências do dizer”. A reflexividade da linguagem, apontada por Authier-Révuz, fornece subsídio para entender como se processa o sentido de um enunciado, especificamente, um enunciado parafrásico.

Nos estudos de Authier-Révuz (2004) também existe a percepção de que pela interlocução da linguagem, representada por fatos metaenunciativos como o texto, “a auto-representação opacificante do dizer em certas formas de “duplicação”, demonstra que certas formas de duplicação podem deixar o transparente opaco”. Formas de duplicação que autora denomina de reformulação metaenunciativas e, nesta perspectiva, apresenta os trabalhos sobre paráfrases de Fuchs (1982).

Para Authier-Révuz (2004, p.116), qualquer que seja a natureza da relação entre os elementos X e Y – identidade, implicação (...) – e o nível em que ela se estabelece – lingüístico, referencial, pragmático – os *reformuladores* constituem uma forma explícita, não ambígua, de predicação metaenunciativa de equivalência entre dois dizeres, o de X e o de Y. É nesse sentido que a autora concorda com Fuchs que, além das diferenças de níveis em que se estabelecem as relações de paráfrase, propõe uma “teoria unificada do funcionamento parafrástico” não “como propriedade intrínseca das expressões”, mas como “atividade metalingüística” dos sujeitos falantes, estabelecendo relações de identificação entre seqüências, atividade da qual as estruturas explícitas de reformulação são uma verbalização”.

Podemos comparar as estruturas de reformulação transparentes que estabelecem explicitamente que dizer X é dizer Y; é ter dito Y com diversas relações semântico-lógicas. Excluir a identidade entre X e Y, ou os conteúdos de X e Y, é para salientar que essas relações são colocadas entre as *coisas* e não entre as palavras X' e Y'. Dito de outro modo, ao predicar a equivalência de dois dizeres, o enunciador apóia-se numa rede de relações implícitas que leva a reconhecer como evidente, contrariamente, às formas que explicitariam essas mesmas relações. São dessas relações construídas interpretativamente que a predicação de identificação dos dizeres recebe seu nível *transparente*, não requerendo a consideração das próprias palavras. E paralelamente, por não serem predicadas, mas necessariamente construídas como subjacentes à predicação sobre o dizer, é que essas relações se encontram impostas como indiscutíveis na argumentação e na narração (AUTHIER-RÉVUZ, 2004, p.119).

Authier-Révuz (op. cit., p.122) afirma que a fácil inscrição das estruturas de reformulações em cadeias argumentativas, em que figuram *or* (ora), *donc* (portanto), *en effet* (de fato), *toutfois* (todavia), manifesta nitidamente a interpretação dedutiva das relações em X e Y sob a representação da equivalência dos dizeres. Para ela (op. cit., p.132), a homogeneidade transparente e a heterogeneidade opacificante não dependem de uma posição binária discreta, mas de *tendências* para interpretar num sentido mais do que em outro, que pouco acusadas, podem deixar a escolha aberta, indecidível.

3. DAS ANÁLISES

Para efetivarmos as análises dos anúncios publicitários, recorreremos à nomenclatura, utilizada por Hilgert (1989): EO equivale a enunciado original e p equivale à paráfrase, mas se um EO se refletir em mais de um enunciado parafrásico, esse p receberá uma numeração correspondente, ou seja, será representado por p1, p2, p3...

Veremos como se pode realizar o processo metaenunciativo da linguagem através das paráfrases nos anúncios a seguir:

Anúncio nº 01



HOTEL DO NORTE || O abaixo assignado tendo fecha- | do o seu antigo estabelecimento - | *Café Parahybano*, scientifica aos | seus freguez[]s e amigos, especial- | mente aos do interior do Estado, | que acaba de abrir *um confortavel / HOTEL* com a denominação su- | pra, á rua d'Areia n.º 59 (na casa | em que esteve outr'ora o Hotel | Parahybano) onde encontrarão, | apar das boas accomodações e | melhor tratamento, a maior mo- | dicidade de preços ; além de que, | o excellente banho frio, altamen- | te recommendavel na estação cal- | mosa em que nos achamos. || Tambem recebe-se assignatu- | ras. || Parahyba 27 de Setembro de 1892 | Leoncio Hortencio.

- EO – o seu antigo estabelecimento
- P1 – Café Parahybano
- P2 – um confortável HOTEL
- P3 – hotel do norte

Conforme os conceitos de paráfrase, apresentados no aporte teórico desse trabalho, demonstramos que EO “o seu antigo estabelecimento” foi parafraseado por três formas: p1 “Café Parahybano”, p2 “um confortável HOTEL” e p3 “hotel do norte”. Estes três enunciados parafrásicos demonstram o poder reflexivo da linguagem, utilizado pelo enunciador para registrar as possibilidades de reformulação de um enunciado num instante em que esse enunciador busca emitir seus enunciados utilizando o poder argumentativo da linguagem, como forma de chamar a atenção dos seus interlocutores para participarem de um determinado evento, no caso, o evento que viabiliza as questões comerciais. Vimos que o termo **antigo** determinante do EO – “o seu antigo estabelecimento” – foi retomado por um outro determinante, a marca lingüística **confortável** e esta retomada, com operador diferente, nos indicia a dizer que a intuição do enunciador era chamar a atenção dos seus clientes para estender os negócios ao maior público possível, isto também se nota na reformulação do nome do hotel que de **paraibano** passa para **do norte**. Agora este estabelecimento não só presta serviços aos clientes de um Estado mas aos de toda Região.

Anúncio nº 02



O EXTRACTO COMPOSTO DE
Salsaparrilha
DO DR. AYER.

É um extracto de tanta efficacia que expulsa do systema toda a especie de Escrofulas / Hereditarias, evita o contagio e neutralisa os effeitos do mercurio; ao mesmo tempo que vitalisa e enriquece o sangue, promovendo as funcções naturaes do organismo e renovando todo o systema. || Este grande Remedio Reconstituente || É composto da verdadeira Salsaparrilha | das Honduras, dos Ioduretos de Potassio e | Ferro, com outros ingredientes de grandes qualidades reparadoras, cuidadosa e scienti- | camente combinados. A formula de sua | composição é conhecida pelos medicos em | geral, dos quaes os mais eminentes receitam | a SALSAPARRILHA DO DR. AYER como um || Remedio Seguro || para as doencas provenientes de impurezas | do sangue. || Tem o mais alto gráo de concentração | possível, excedendo n'isto qualquer outra | preparação do seu genero que pretenda pro- | duzir eguaes effeitos, e por isso é o remedio | mais barato e efficaz para purificar o sangue. || PREPARADO PELO || Dr. J.C. AYER & Ca., Lowell, Mass., E.U.A. || Á venda nas principaes pharmacias e dro- | garias. || DEPOSITO GERAL || N. 13 Rua Primeiro de Março | Rio de Janeiro.

Remedio Reconstituente

Remedio Seguro

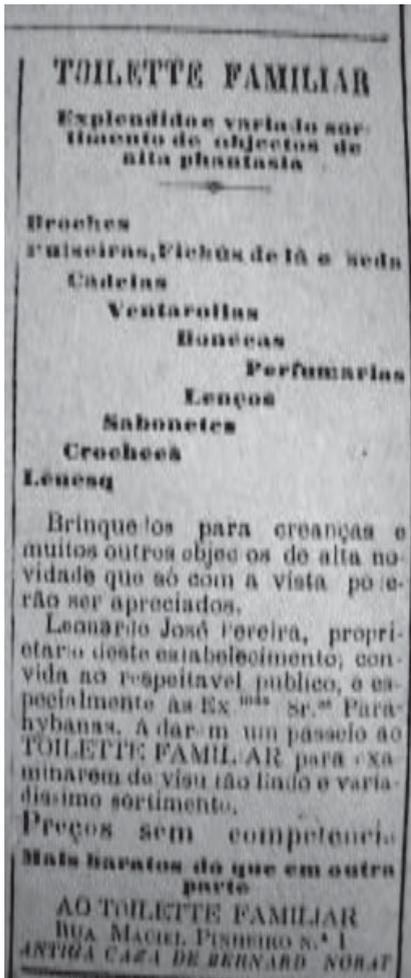
O EXTRACTO COMPOSTO DE ||
Salsaparrilha || DO DR. AYER. || E' um
[rasura]terativo de tanta efficacia que
expul- / sa do systema toda a especie de
Escrofulas / Hereditarias, evita o
contagio e neutra- / [rasura]sa os
effeitos do mercurio; ao mesmo tempo /
que vitalisa e enriquece o sangue,
promovendo | as funcções naturaes do
organismo e reno- | vando todo o
systema. || *Este grande || Remedio*
Reconstituente || É composto da verdadei-
ra Salsaparrilha | das Honduras, dos
Ioduretos de Potassio e | Ferro, com
outros ingredientes de grandes | qualida-
des reparadoras, cuidadosa e scientifi- |
camente combinados. A formula de sua |
composição é conhecida pelos medicos
em | geral, dos quaes os mais eminentes
receitam | a SALSAPARRILHA DO DR.
AYER como um || *Remedio Seguro* || para
as doencas provenientes de impurezas |
do sangue. || Tem o mais alto gráo de
concentração | possível, excedendo n'isto
qualquer outra | preparação do seu
genero que pretenda pro- | duzir eguaes
effeitos, e por isso é o remedio | mais
barato e efficaz para purificar o sangue.
|| PREPARADO PELO || Dr. J.C. AYER &
Ca., Lowell, Mass., E.U.A. || Á venda nas
principaes pharmacias e dro- | garias. ||
DEPOSITO GERAL || N. 13 Rua Primeiro
de Março | Rio de Janeiro.

Neste anúncio selecionamos os seguintes enunciados:

- EO – “...de tanta eficácia que expulsa do sistema toa espécie de Escrófulas Heraditárias”;
- P1 – evita o contágio,
- P2 – “neutralisa os efeitos do mercúrio”
- EO – “ao mesmo tempo que vitaliza;
- P1 – “e enriquece o sangue”;
- EO “grande remédio reconstituente”
- P1 – “remédio seguro”
- EO – “Salsaparrilha do Dr. AYER;
- P1 – “é o remédio mais barato e efficaz para purificar o sangue”.

Percebemos que o enunciador se utiliza do EO – “de tanta eficácia que expulsa do sistema toda espécie de Escrófulas Hereditárias” e o parafraseia com dois enunciados p1 – “evita o contágio” e p2 – “neutraliza os efeitos do mercúrio”. As paráfrases são utilizadas para reforçar os efeitos de cura proporcionado pelo remédio anunciado pelo EO – “Salsaparrilha do Dr. AYER”. Este segundo enunciado é retomado por outro p1 – “é o remédio mais barato e eficaz para purificar o sangue”, o que dá ênfase as nuances dos eventos comerciais, uma retomada incessante proporcionadas por marcas que caracterizam o bom desempenho do remédio como demonstrado no EO – “ao mesmo tempo que vitaliza mais” e em p1 – “e enriquece o sangue”. As marcas argumentativas *vitalizam* e *enriquecem* promovem o culto ao remédio para o interlocutor.

Anúncio nº 03



TOILETTE FAMILIAR || *Explendido e variado sor-* | *timento de objectos de* | *alta phantasia* || *Broches* | *Pulseiras, Fichús de lã e seda* | *Cadeias* | *Ventarollas* | *Bonecas* | *Perfumarias* | *Lenços* | *Sabonetes* | *Crochees* | *Leuesq* || *Brinquedos* para creanças e | *muitos outros objec*[*Jos de alta no-* | *vidade que só com a vista po*[*le-* | *rão ser apreciados.* || Leonardo José Pereira, propri- | *etario deste estabelecimento;* con- | *vida ao respeitavel publico,* e es- | *pecialmente ás Ex.mas Sr.as Par-* | *hybanas, á darem um passeio ao* | *TOILETTE FAMILIAR* para exa- | *minarem de visu tão lindo e varia-* | *dissimo sortimento.* || Preços sem competencia || Mais baratos do que em outra | *parte* || AO TOILETTE FAMILIAR | RUA MACIEL PINHEIRO N.º 1 | ANTIGA CAZA DE BERNARD NORAT

EO - *Explendido e variado sor-* | *timento de objectos de* | *alta phantasia* ||
 P1 | - *Broches* | *Pulseiras, Fichús de lã e seda* | *Cadeias* | *Ventarollas* | *Bonecas* | *Perfumarias* | *Lenços* | *Sabonetes* | *Crochees* | *Leuesq* ||
 Brinquedos para creanças
 P2 - e | *muitos outros objec*[*Jos de alta no-* | *vidade;*
 P3 - *tão lindo e varia-* | *dissimo sortimento*
 EO - Leonardo José Pereira;
 P1 - propri- | *etario;*
 EO - TOILETTE FAMILIAR
 P1 - *deste estabelecimento;*

Observamos que o enunciador para divulgar os seus objetos comerciais, se utiliza do EO - “Explendido e variado sortimento de objectos de alta phantasia” – e o parafraseia por p1 - “Broches | Pulseiras, Fichús de lã e seda | Cadeias | Ventarollas | Bonecas | Perfumarias | Lenços Sabonetes | Crochees | Leuesq || Brinquedos para creanças”. São retomadas que explicam reforçam o propósito de convencer o leitor (consumidor). O mesmo acontece em p2 e p3, mas como se o processo de descrição dos objetos vendidos pela loja não fosse suficiente, o enunciador recorrer ao nome do proprietário da casa, pelo processo da justaposição do EO - “Leonardo José Pereira” e p1 “propri- | etário”, os quais são enfatizados por mais um EO – “TOILETTE FAMILIAR” e pelo p1 – “deste estabelecimento”.

Anúncio nº 04



CANDIEIROS || PAD BIA A VAPOR ||
Fonseca, Irmãos & C.^a, tendo recebido de Hamburgo pelo ultimo vapor inglez, *uma remessa de Candieiros*, o que tem vindo de mais chique a esta praça, rezolvem vender barato, afim de chegar *no- / va remessa*. Tambem annunciam que vendem tudo mais que é preciso para *ditos Candieiros*, como seja: pavios, chaminés e bocaes Inglezes Francezes e Allemãs.

EO – “uma remessa de candieiros”
P1 – “nova remessa”
P2 – “ditos candieiros”

O enunciador parte do EO – “uma remessa de candieiros” para dois enunciados parafrásicos o p1 – “nova remessa”, constituído pela marca lingüística reconhecida por Fuchs como co-texto – nova – e o p2 – “ditos candieiros”, no qual o termo *ditos* também funciona como elemento de retomada, elemento que no dizer Fuchs realiza o trabalho de interpretação do enunciado pelos interlocutores. Interpretação estabelecida pelo envolvimento com o histórico-social. No caso, experiências relacionadas ao mundo do comércio.

A partir das análises realizadas, ancoradas no princípio de que o processo metaenunciativo da linguagem, proposto por Authier-Revuz (2004), pode ser observado consoante aos postulados de Fuchs (1994), no que diz respeito às

paráfrases, sob a égide da perspectiva do dialogismo bakhtiniano (1999), notamos alguns traços do funcionamento discursivo nas paráfrases. Concluimos que este fato ocorre porque um dos dois termos é portador de modalidade autonímica: é o caráter “normal”, o “óbvio”. O emprego de uma palavra instrumento transparente fica suspenso pela modalidade autonímica: a “alteração” da transparência indica que, nesse ponto de seu dizer, o enunciador encontra “outro”. Como foi verificado, como por exemplo, no anúncio de nº01 pelos operadores, termo de Fuchs (1994), “o **seu antigo** estabelecimento”, retomado por “**um confortável HOTEL**”.

REFERENCIAS

- AUTHIER-RÉVUZ, J. (1995). **Les mots qui ne vont pas de soi**. Paris: Larousse.
- _____. (1998). **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas: EDUNICAMP.
- _____. (2004). **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDPUCRS.
- BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV) (1999). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Laud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec.
- BAKHTIN, M. (2003). **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- FUCHS, C. A Paráfrase Lingüística: Equivalência, Sinonímia ou Reformulação? In: **Cadernos Lingüísticos**, 8: 129-134, 1985.
- _____. **Paraphrase et Énonciation**. (1994). Paris: Editions OPHRYS.

